

## Possíveis reflexões entre a Ergologia e a Etnografia

**Patrícia Unanue Dias**  
pateud@hotmail.com

O presente texto é uma tentativa de reflexão sobre a forma na qual a Ergologia toma seu objeto de estudo e as possíveis inter-relações entre essa perspectiva com o método etnográfico. Tal reflexão se insere nas discussões sobre os saberes mobilizados no trabalho no que diz respeito a perspectivas que encaram o *trabalho* a partir de seu aspecto de aprendizagem, ou seja, como produtor de saberes tanto para os trabalhadores quanto para as investigações científicas.

A Ergologia, conforme Santos, é uma abordagem que busca “[...] conhecer o trabalho por intermédio dos seus protagonistas – os trabalhadores e as trabalhadoras – para transformá-lo” (SANTOS, 2012, p. 28.). A investigação sobre o trabalho, portanto, se constrói como uma pergunta a ser investigada junto às pessoas trabalhadoras. Sendo assim, poderíamos nos perguntar como a ergologia assume esse objeto de estudo (o trabalho sob a perspectiva dos trabalhadores) em suas investigações?

Schwartz (2008) nos fornece algumas pistas interessantes para essa problematização, quando afirma que os investigadores ergológicos devem tomar o *trabalho* tanto como *objeto de estudo* quanto *matéria estrangeira da filosofia*. Essa dupla (*objeto de estudo* e *matéria estrangeira*) aparece como um caminho que, ao considerar a construção teórica do objeto e também sua exterioridade da filosofia, busca dar conta da forma na qual o trabalho é vivenciado e pensado pelas pessoas trabalhadoras. Por isso, expressa também o *inacabado* e o que está por aprender.

Assumir o trabalho como matéria estrangeira significa, assim, segundo Schwartz, “[...] se colocar em aprendizagem junto aos homens e mulheres trabalhando, e tentar assim compreender que acontece e se repete de modo conceitualmente não antecipável, até enigmático, nas situações de trabalho” (SCHWARTZ, op. cit., p. 2). Essas situações de trabalho parecem ganhar humanidade, pois, como matéria estrangeira, elas produzem saberes e tramas coletivas, “[...] onde se põem à prova valores sociais e políticos na confrontação da atividade de trabalho com as normas antecedentes” (SCHWARTZ, op. cit., p.22).

Ao longo do artigo *O trabalho numa perspectiva filosófica* Schwartz retoma as contribuições da filosófica para as reflexões epistemológicas sobre o trabalho como matéria estrangeira. Num primeiro momento, ao apresentar a filosofia clássica de Sócrates e Platão e seus respectivos interesses sobre a *sabedoria dos artesãos*, afirma que o conceito moderno de trabalho não aparece na filosofia clássica, pois “[...] o encontro com a atividade laboriosa está muito limitada, dizendo respeito essencialmente ao mundo artesanal” (SCHWARTZ, op. cit., p. 05). Descartes, e Leibniz e Diderot também dão ênfase à sabedoria dos artesãos, o que para Schwartz se apresentam como contribuições para tomar o trabalho como matéria estrangeira.

O autor também retoma a filosofia aristotélica, no intuito de demonstrar que essa tradição evoca uma ideia de práxis (crianças da ação), não a mesma de Marx e Gramsci, que, segundo Schwartz, “[...] mantêm uma relação fraca ao trabalho humano, objeto desprezível, até completamente excluído do patrimônio da reflexão filosófica; e então certamente não matéria estrangeira como o era” (SCHWARTZ, op. cit., p. 11).

Habermas e Hannah Arendt, de acordo com Schwartz, além de seguirem a tradição de desconsiderar a característica de *matéria estrangeira* do trabalho, pleiteiam a descentralização do trabalho ao privilegiarem a definição da *ação* (*ação comunicacional, linguagem, ...*). Os dois autores não parecem tomar o trabalho como *matéria estrangeira*, pois as contribuições do primeiro não se dispõem a *encontrar o trabalho humano como um enigma, que enriquece as relações entre o trabalho, o aprender e o saber* (p.12), e a segunda, toma o trabalho como um *objeto filosófico circunscrito na eterna repetição do ciclo produção-consumo*, mas não como uma “[...] *matéria estrangeira que os introduziria a “problemas humanos concretos” (G. Canguilhem)*” (SCHWARTZ, op. cit., p.13).

Schwartz ainda retoma Marx para os debates sobre a localização teórico-metodológica do trabalho. É evidente que Marx localiza o trabalho como objeto privilegiado, pois a atividade laboriosa além de ser colocada em evidência por meio dos conceitos de força produtiva, relações de produção e modo de produção, ela é tomada como motor da história da humanidade. Schwartz, ao retomar o conceito de *indiferença*, relaciona trabalho concreto/ trabalho abstrato com trabalho como objeto/trabalho como *matéria estrangeira*, relações que poderiam ser tomadas como *duplas dialéticas acasaladas*. Portanto, para o autor, é necessário que o trabalho seja tomado como *objeto*, porém também é preciso reconhecer que a concepção “*pré-pensada*” do trabalho (conceito abstrato de trabalho), “[...] neste quadro histórico da relação trabalho assalariado/capital, pode também impedir de conceber que o trabalho seja também uma forma de atividade humana, como existem muitas outras” (SCHWARTZ, op. cit., p.22). Nesse sentido, propõe que além de objeto, os estudos sobre o trabalho devem conter o atributo de aprendizagens junto aos sujeitos:

É o que nossa abordagem ergológica (ergológico significando um interesse maior para a **atividade** humana) chama uma exigência de *dupla antecipação*: o trabalho como objeto nos prepara para entender aspectos essenciais das situações de trabalho que encontramos; mas reciprocamente, segunda antecipação (a de que falava P.Freire, “ensinar inexistente sem aprender”), ele recria nas situações de trabalho dos saberes, das competências, das construções sociais, que os profissionais do trabalho como objeto, os formadores, deverão desdobrar e apropriar-se para re-transformar sua compreensão da experiência humana (SCHWARTZ, 2008, p.24).

É a partir dessa perspectiva de aprendizagem dos estudos sobre o trabalho que busquei relacionar os acúmulos ergológicos com dois princípios da Etnografia (o de participação efetiva do pesquisador no campo de investigação e o de participação dos interlocutores na construção de conhecimento etnográfico).

A primeira característica da etnografia que pretendo analisar se relaciona à construção da investigação por meio da participação efetiva do pesquisador na cotidianidade da realidade em questão. Eckert e Rocha afirmam, nesse sentido, que “[...] a prática etnográfica se baseia nesta disponibilidade de pesquisar a partir de um método que o(a) coloque no encontro direto com os indivíduos e/ou grupos em situações de vida ordinárias” (ECKERT e ROCHA, 2008, p.13). Tal disponibilidade ao encontro direto, habitualmente chamada de inserção intensa no campo de pesquisa, se constrói pela aproximação e comunicação densa do pesquisador com os interlocutores. Weber, F. também ressalta a participação efetiva no campo de pesquisa como um princípio da etnografia. A autora, referindo-se a essa característica como “estar com” (os nativos/interlocutores), considera que o modo de relação entre pesquisador/nativo se apresenta como um dado importante para a investigação etnográfica: “[...] ‘estar com’ os nativos e analisar a relação que se instaura a partir de então entre o pesquisador e nativos, eis o segundo princípio de minha abordagem” (WEBER, 2009, p.30).

Essa primeira característica da etnografia pode estabelecer relações com a perspectiva de *matéria estrangeira* sob a atividade de trabalho enunciada pela ergologia? Tal exterioridade do trabalho a ser investigada junto aos trabalhadores (protagonistas) por meio do conceito de *atividade de trabalho*, no diálogo entre o meio e o que os atores pensam, não parece ser uma pista para possíveis relações entre essa abordagem com o imperativo etnográfico de participação efetiva no campo de pesquisa?

Na participação efetiva no campo citada acima está implicada a localização do Outro (os atores integrantes sociabilidade investigada) como construtor da pesquisa etnográfica. Há, nesse sentido, uma disposição de escutar o Outro. Sobre tal disponibilidade Eckert e Rocha (op. cit.) afirmam que “[...] esta descoberta sobre o Outro é uma relação dialética que implica em uma sistemática reciprocidade cognitiva entre o(a) pesquisador(a) e os sujeitos pesquisados” (ECKERT e ROCHA, op. cit., p. 4). Parece que

aqui temos mais uma possível relação entre a perspectiva ergológica e a etnográfica, pois como foi analisado no capítulo anterior, a ergologia busca estudar a atividade de trabalho considerando os aportes das pessoas que trabalham. Durrive sugere que para tomar o que os trabalhadores dizem e fazem como aportes que constroem a pesquisa, os pesquisadores ergológicos devem colocar-se “[...] do ponto de vista daquele que trabalha. Nós nos centramos sobre a relação que a pessoa estabelece com o meio no qual ela está engajada” (DURRIVE, 2010, p.295).

Seria, nesse sentido, uma relação dialética que, conforme Weber, F., se estabelece através da “[...] confrontação entre suas próprias classificações a priori e as classificações nativas que pode nascer um instrumento de conhecimento” (WEBER, op. cit., p. 27). Parece, assim, ser uma relação *dialética*/ de *confrontação* entre as categorias *a priori* e as categorias nativas que busca evitar que juízos de valores sobre o meio pesquisado contaminem a investigação e “ceguem” o pesquisador. Preocupação esta que parece aparecer na ergologia por meio da importância dada à exterioridade do trabalho (*matéria estrangeira*) e a respectiva preocupação em evitar que o conceito abstrato de trabalho contamine a investigação sobre a forma na qual o trabalho é vivenciado e pensado por seus protagonistas, de tal forma que não há espaço para o novo, o inesperado e o reinventado.

O texto produzido acima foi uma tentativa de relacionar o pressuposto ergológico de assumir o trabalho como objeto de estudo e *matéria estrangeira* com os princípios da Etnografia, no intuito de contribuir para as discussões sobre os saberes mobilizados no trabalho.

### Referências Bibliográficas

CUNHA, Daisy Moreira; FISCHER, Maria Clara Bueno; FRANZOI, Naira. Atividade de trabalho. IN: CATTANI, Antônio David & HOLZAMNN, Lorena (Org.) **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. Porto Alegre: Editora ZOUK, 2011, p. 47-50.

DURRIVE, L. O formador ergológico ou “ergoformador”: uma introdução à ergoformação. In: SCHWARTZ, Yves & DURRIVE, Louis (Org.). **Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana**. Niterói, EDUFF, 2010, p.295-307.

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia: saberes e práticas. **Revista Iluminuras**, v.9, n.21 (2008).

SCHWARTZ, Yves. O trabalho numa perspectiva filosófica. In: NOKAZAKI, Izumi. (Org.). **Educação e Trabalho: trabalhar, aprender, saber**. Campinas/ SP: Mercado de Letras; Cuiabá, MT: Editora da UFMT, 2008.

WEBER, Florence. **Trabalho fora do trabalho: uma etnografia das percepções**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.